

Klein e a psicodinâmica primitiva

Uma das maiores contribuições de Melanie Klein à Psicanálise é a subdivisão que opera na fase oral, teorizada por Freud e Abraham, em uma posição depressiva e uma posição esquizo-paranóide mais arcaica. As posições, ao contrário do que sua derivação de um estágio do desenvolvimento possa sugerir, são configurações, estruturas ou padrões “de relações de objeto, [angústias]¹⁰ e defesas, que persistem durante toda a vida” (Segal, 1975, p. 11).

É sempre possível, pois, que uma pessoa oscile entre as duas posições, e lide com um ou outro problema que surja – o complexo de Édipo é o maior exemplo – “dentro de um padrão esquizo-paranóide ou de um padrão depressivo” (Ibid., p. 11). A neurose constrói-se como superestrutura, conjunto de defesas que recobrem “[angústias] paranóides e depressivas subjacentes” (Ibid., p. 11), conjunto que é erigido concomitantemente à integração do eu. Por mais que este último vincule-as e elabore-as, no entanto, “algumas [angústias] paranóides e depressivas permanecem constantemente ativas na personalidade” (Ibid., p. 11). Klein percebeu não só no brincar, mas em todas as atividades infantis, mesmo as mais orientadas a uma função realística, o ganho de “expressar, conter e canalizar a fantasia inconsciente” (Ibid., p. 20).

A teorização das posições é tardia em sua obra, e parece derivar, ao menos em parte, de uma importante constatação anterior: o arcaísmo da instância superegógica. A autora observou em seus analisandos, já durante o segundo ano de vida, um supereu severo, causa de pavor, com características pré-genitais (orais, uretrais, anais), um “objeto de fantasia interno” (Ibid., p. 15) surgido de introjeções sádico-orais e constituído por apoio em imagos não só paternas, mas primordialmente maternas. Este objeto pavoroso teve sua gradual e complexa construção acompanhada até seu último estágio, quando torna-se o supereu herdeiro do complexo de Édipo, que Freud caracterizara. Sua gênese será estendida até os processos de introjeção que formam sua base e datam do nascimento mesmo.

¹⁰ Conforme a tradição francesa, utilizarei ‘angústia’, ao invés de ‘ansiedade’, para traduzir o conceito freudiano de *Angst*.

Evidência concomitante e análoga à do arcaísmo superegóico refere-se à agressividade, cujo conflito com a libido mostrou-se muito mais intenso “nos estádios primitivos do desenvolvimento” (Ibid., p. 14): a destrutividade passou a ser tomada não só como causa primeira da angústia (em detrimento da causa libidinal), mas também das defesas mais arcaicas, entre elas a cisão¹¹ e a projeção, ativas antes que o recalque edípico opere.

Melanie Klein viu que crianças pequenas, incitadas pela [angústia], estavam constantemente tentando dividir (*split*) seus objetos e seus sentimentos, e tentando reter sentimentos bons e introjetar objetos bons, ao passo que expeliam objetos maus e projetavam sentimentos maus (Ibid., pp. 14-15).

É, assim, a cota de agressividade vinculada ao ato de mamar que produz o primeiro objeto parcial persecutório, que toma como protótipo e suporte o seio:

na fase oral-sádica, a criança ataca o seio de sua mãe e o incorpora, ao mesmo tempo como destruído e como destrutivo (...). Isso, segundo Melanie Klein, constitui a raiz primitiva do aspecto persecutório e sádico do [supereu] (Ibid., p. 15).

À medida que “os desejos e as fantasias da criança se estendem a todo o corpo de sua mãe” (Ibid., p. 15), movimento incitado pela frustração envolvida na intermitência do seio real – suas limitações em promover satisfação completa e definitiva –, os desejos passam a configurar-se em torno de “objetos fantasiados dentro do corpo da mãe” (Ibid., p. 16), desejos de escavá-los e devorá-los, ou de arrancá-los e destruí-los, conforme a predominância, respectivamente, de libido ou agressividade.

Através de uma espécie de reciprocidade primitiva, calcada na identificação¹², “estes ataques ao corpo da mãe conduzem a fantasias de se tratar de um lugar aterrador, cheio de objetos destruídos e vingativos” (Ibid., p. 16).

As angústias persecutórias eventualmente forçarão a criança a deslocar seu interesse da mãe para o resto do mundo a seu redor, para onde, no entanto, carregará as fantasias, atualizando-as. Este é o rudimento da formação de símbolos, para o qual é necessária uma quantidade ótima de angústia: se for

¹¹ Refiro-me ao conceito de *splitting*, também traduzido ocasionalmente por ‘divisão’.

¹² O aspecto econômico da reciprocidade primitiva é possivelmente o descompasso entre tais fantasias e o que é possível objetivamente, que promove a torção da pulsão sobre si mesma.

excessiva, instigará defesas mais radicais, como a negação do interesse pela mãe, que a partir disto não tem como ser simbolizado em outras relações.

Um exemplo deste deslocamento surge com a analidade, que introduz um novo símbolo para estas “imagos internas punitivas e terríficas” (Ibid., p. 17) – as fezes – bem como atualiza o suporte das estratégias psíquicas para lidar com elas – retenção e ejeção. A retaliação fantasiada dos objetos desloca-se da fantasmagoria oral da violência para a fantasmagoria do envenenamento. Aqui Klein localiza o “ponto de fixação da paranóia” (Klein, 1996 [1930], p. 264).

Um dos suportes mais importantes de um deslocamento deste tipo é o objeto de desejo da mãe (tipicamente o pai), à medida que a criança vai sendo emancipada do corpo materno e à medida que a mãe vai sendo percebida como faltosa. A partir desta emancipação a projeção da agressividade da criança pode dar origem à “experiência da cena primária como um acontecimento sádico e terrífico” (Segal, loc. cit.).

É quando as “figuras más” (Ibid., p. 17) se engancham nos pais como casal que elas começam a apresentar as feições do supereu edípico: é, aliás, a partir disto que se desenvolve o complexo, cujos estágios iniciais Klein localiza em um período bem anterior ao indicado por Freud, um período ainda dominado pelo sadismo oral, tão precoce quanto o “segundo trimestre do primeiro ano de vida” (Klein, 1991 [1958], p. 273).

O desejo erótico pela mãe ou pelo pai não basta para explicar o desespero com que a criança os procura: ocorre que suas pessoas reais são sempre bem menos terríveis que suas representações psíquicas sádico-orais. Por mais negligentes ou mesmo cruéis que os cuidadores reais possam ser, eles nunca poderão competir com o horror proveniente da pura pulsionalidade de morte da criança, que tinge seus representantes psíquicos. São, no mínimo, minimamente intermitentes, posto que externos. O contato com pessoas reais, quaisquer que sejam, permite que o bebê teste seu mundo interno através das evidências oriundas do mundo externo.

Ao serem internalizados, os acontecimentos, as pessoas, as coisas e as situações (...) tornam-se inacessíveis à observação e juízo preciso da criança, não podendo ser verificados pelos meios de percepção disponíveis em relação ao mundo tangível dos objetos. As dúvidas, incertezas e [angústias] que surgem como consequência

disso agem como incentivo contínuo para que a criança pequena observe e se certifique do mundo externo dos objetos que dá origem a esse mundo interno (Id., 1996 [1940], p. 389).

Portanto, ao lado do ciúme conseqüente da ancoragem libidinal na mãe – ancoragem que Freud valorizara e que aparece em Klein também como intenção de reparar na realidade o “dano feito em fantasia” (Segal, 1975, p. 18) – há, na origem do complexo, uma espécie de anseio por um rival objetivo, mais realista. Klein (1996 [1929a], p. 245) aproxima este anseio da idéia de necessidade de punição, que Freud (1996 [1924b]) substituíra à noção mais nebulosa de um sentimento de culpa inconsciente, que por sua vez servira anteriormente (Id., 1996 [1916]) de hipótese para explicar a motivação para o crime. Se este é um motivo importante no estabelecimento do complexo de Édipo, segue-se que “o [supereu] não apenas precede o complexo de Édipo, mas também promove seu desenvolvimento” (Segal, loc. cit.).

5.1

Sobre a natureza da fantasia

A fronteira entre fantasia e realidade é fluida na análise kleiniana da vida primitiva; a fantasia inconsciente “está constantemente influenciando e alterando a percepção ou a interpretação da realidade” (Segal, 1975, p. 25) desde tão cedo quanto o nascimento, mesmo que de forma rudimentar e “grosseira” (Ibid., p. 24).

A fantasia é entendida como expressão da ação mesma das pulsões de vida e morte; um índice da influência das pulsões sobre a percepção. Assim, seu tradicional caráter de fuga da realidade torna-se secundário a “um constante e inevitável acompanhamento de experiências reais, com as quais está em constante interação” (Ibid., p. 25).

A percepção da criança pequena acerca da realidade externa e dos objetos externos é continuamente influenciada e colorida por suas fantasias, e isso em certa medida continua ocorrendo pela vida afora. As experiências externas que despertam [angústia] ativam, de imediato, mesmo em pessoas normais, [angústias] provenientes de fontes intrapsíquicas (Klein, 1991 [1948], p. 61).

A fantasia pode agir, por exemplo, na determinação do “tipo de sequência causal atribuída aos acontecimentos” (Segal, 1975, p. 25), que de outro modo

podem ter sido observados com a maior acuidade. Mas, mais do que isso, ao menos nos estágios primitivos do desenvolvimento, a fantasia nem mesmo constitui um domínio separado da experiência de realidade; de fato, “os objetos fantasiados e a satisfação deles derivada são experimentados como acontecimentos físicos” (Ibid., p. 24). Um bebê faminto que esperneia e grita pode experimentar o desconforto e a dor causados por sua própria agitação “como um ataque persecutório ao seu interior” (Ibid., p. 24), promovido por um objeto vingativo.

Esta hipótese lança luz sobre alguns comportamentos dos bebês que são incompreensíveis de um ponto de vista adaptativo, como a recusa em mamar por parte de um bebê “faminto e furioso” (Ibid., p. 25):

Nesse caso, o bebê pode ter tido a fantasia de ter atacado e destruído o seio, e sente que ele se tornou mau e que o está atacando. Portanto, o seio externo verdadeiro, quando volta a alimentar o bebê, não é sentido como um bom seio que alimenta, mas é deformado por essas fantasias em um perseguidor terrificante (Ibid., p. 25).

As frustrações e a ação constante da pulsão de morte, a dor, o desconforto e o sofrimento, para serem afastados, passam a orbitar, ou mesmo constituir objetos internos específicos, que assim ajudam a contê-los. Estes objetos não são estáticos nem definitivos: estão sujeitos às modificações promovidas por um constante movimento de projeção e introjeção, reprojeção e reintrojeção. É assim que um objeto cindido, pura frustração, pode atualizar-se no seio externo provedor e causar uma paradoxal recusa alimentar.

Se o seio passa a encarnar alternadamente o objeto de satisfação e o de frustração, este último modo de atualização de objetos internos será também sobredeterminado pela projeção da própria ação interna da pulsão de morte, o que equivale a dizer que a fantasia, em seu aspecto defensivo, se mobiliza principalmente contra uma ameaça interna. A fuga mais importante que promove é a da realidade interna, “de sua própria fome e raiva” (Ibid., p. 27).

A ameaça da ação da pulsão de morte está colocada desde o início da vida: o risco de que o bebê seja “inundado pelos seus impulsos autodestrutivos” (Klein, 1991 [1958], p. 272) está presente desde seu nascimento. Por isso Klein concebe um eu originário, bastante precoce, nascido das mais primordiais introjeções de “algo vitalizador” (Ibid., p. 272), que é imediatamente posto em ação pela pulsão

de vida para, através da formação da fantasia, sua função primordial, defletir a pulsão de morte, num duplo movimento:

Parte da pulsão de morte é projetada dentro do objeto, tornando-se este, portanto, um perseguidor; ao passo que aquela parte da pulsão de morte que é retida no [eu] faz com que a agressão se volte contra aquele objeto persecutório (Ibid., p. 272, nota 5).

A fantasia é, então, tão inevitável quanto a ação constante da pulsão de morte, e irá transfigurar, em graus variados, toda e qualquer situação de perigo que se apresente desde o exterior.

Se o perigo externo é, desde o início, vinculado ao perigo interno proveniente da pulsão de morte, nenhuma situação de perigo surgida de fontes externas poderá jamais ser vivenciada pelo bebezinho como um perigo puramente externo e conhecido. Porém, não é só o bebê que não consegue fazer uma diferenciação tão clara: em certa medida, a interação entre situações externas e internas de perigo persiste a vida inteira (Id., 1991 [1948], p. 60).

Dada esta interação constante e inevitável entre fantasia e realidade, é impossível demarcar nitidamente a distinção entre uma angústia realística e uma neurótica, mas Klein destaca dois possíveis índices do quanto os processos internos estão influenciando a percepção em uma dada situação: o “aumento da negação da realidade psíquica” e, como Freud indicara, a “intensidade dos afetos” (Id., 1996 [1940], p. 408, nota 1), em sua desproporção em relação à situação objetiva.

5.2

A posição esquizo-paranóide

A posição esquizo-paranóide é caracterizada por um tipo parcial de relação objetual. Isso pelo fato “de as crianças não tomarem conhecimento das “pessoas”, mantendo relacionamentos com objetos parciais” (Segal, 1975, p. 10). É o modo de funcionamento que produz os objetos mais fantásticos, mais “deformados pelo que neles foi projetado” (Ibid., p. 31). Os mecanismos principais que atuam neste contexto são a cisão (do eu e dos objetos em bons e maus, fundamentalmente), a introjeção e a projeção.

A cisão é seguida da projeção do que é mau: é a parte do movimento de deflexão que transforma a angústia original diante da pulsão de morte no medo de um perseguidor. Concomitantemente, o que é bom constitui o objeto ideal, no anseio por algo que salve o *self*¹³ de sua própria destrutividade: “assim também a libido é projetada, a fim de criar um objeto que irá satisfazer o esforço instintivo do [eu] pela preservação da vida” (Ibid., p. 37).

O aspecto paranóide da posição decorre de seu teor atributivo: as experiências, cindidas em boas e más, são organizadas pela atribuição de suas causas a objetos externos ou internos. Assim, a impessoalidade de uma falta de gratificação, por exemplo, pode tornar-se “ameaça de aniquilação por perseguidores” (Ibid., p. 38), uma situação com a qual o eu primitivo pode tentar lidar. Experiências más atribuídas a objetos internos, por sua vez, produzem “temores de natureza hipocondríaca” (Ibid., p. 38).

Já o aspecto esquizóide decorre da proeminência da cisão: os objetos perseguidores e os ideais são “afastados o máximo possível uns dos outros, mantendo-os também sob controle” (Ibid., p. 38), o que alivia a angústia, numa “segurança relativa e temporária” (Klein, 1991 [1952], p. 95). A angústia que mantém e renova o esforço esquizóide é a de uma indiferenciação aniquiladora, dissolutiva do eu, que é sentida como uma invasão deste pelos objetos maus.

Klein indica que, se para Freud o perigo originário é a perda de amor, para ela isto deriva do medo de retaliação dos objetos maus, que por sua vez traduz o medo da dissolução do eu primitivo, ainda pouco integrado e mal delimitado, que seria provocada por tal retorno avassalador daquilo que foi expulso (Id., 1996 [1929a], pp. 243-244). Isto decorre do quanto este eu primitivo depende da cisão, que, aliás, o criou: “é ela que permite ao [eu] emergir do caos e ordenar suas experiências” (Segal, op. cit., p. 47).

Este eu primitivo, de fronteiras ainda imprecisas, frágil e constantemente ameaçado, nos faz repensar o tom das vivências durante o narcisismo primário. Nas palavras de Kristeva,

¹³ Utilizo, como Klein, o termo *self* para denotar o conjunto das três instâncias psíquicas: isso, eu e supereu; ou seja, a vida psíquica como um todo.

A relação arcaica com a mãe, ainda que narcisista, não é, sob meu ponto-de-vista, de nenhum consolo para os protagonistas e menos ainda para Narciso. [...] A imagem edênica do narcisismo primário talvez seja uma negação defensiva elaborada pelo sujeito neurótico quando se coloca sob a égide do pai¹⁴ (Kristeva, 1982, p. 63).

Muito ao contrário de um Éden, o lugar que o narcisismo primário, “carregado de hostilidade” (Ibid., p. 60), marca para toda a vida do sujeito é aquela borda da subjetivação onde “o vacilante, fascinante, ameaçador e perigoso objeto é esboçado como não-ser – como a abjeção na qual o ser falante é permanentemente engolfado” (Ibid., p. 67).

Talvez o mais importante conceito kleiniano referente à posição esquizo-paranóide seja o de identificação projetiva. Trata-se de uma modalidade de projeção concomitante à identificação entre o eu e o objeto alvo da projeção. Na identificação projetiva o objeto continua investido narcisicamente, perdendo muito de sua alteridade e autonomia em relação ao *self*. Ele “se torna possuído e controlado pelas partes projetadas, identificando-se com elas” (Segal, 1975, p. 39).

A identificação projetiva traduz essencialmente uma ânsia por controle ou domínio das relações objetais, seja para evitar a separação de objetos ideais ou mantê-los a salvo de ameaças internas, seja para controlar fontes de perigo, mantê-las à distância ou investir a agressividade contra elas.

Junto com os excrementos nocivos, expelidos com ódio, partes excindidas¹⁵ do [eu] são também projetadas na mãe, ou como prefiro dizer, *para dentro* da mãe. Esses excrementos e essas partes más do *self* são usados não apenas para danificar, mas também para controlar e tomar posse do objeto. Na medida em que a mãe passa a conter as partes más do *self*, ela não é sentida como um indivíduo separado, e sim como sendo o *self* mau (Klein, 1991 [1946], p. 27).

Este mecanismo não só persiste depois da relativa superação da posição esquizo-paranóide, como “em geral se intensifica quando a mãe é percebida como um objeto total” (Segal, 1975, p. 39). Nesta progressão de intensidade, os objetos inicialmente são sentidos como contendo as partes projetadas, em seguida como

¹⁴ Tradução minha do original em inglês, como as citações que seguem.

¹⁵ ‘Excisão’ é o termo usado pela Comissão Editorial Brasileira das obras de Klein para traduzir ‘*splitting off*’, que segundo esta Comissão “refere-se à cisão imediatamente seguida da projeção do aspecto cindido” (Klein, 1991, p. 13).

sendo por elas controlados, e finalmente tornam-se totalmente identificados com elas.

As novas formas de angústia decorrentes do uso da identificação projetiva também dizem respeito ao controle, ou melhor, à sua perda. A projeção maciça de partes boas do *self* produz a angústia “de ter partes de si mesmo aprisionadas e controladas pelo objeto no qual foram projetadas” (Ibid., p. 42), e “um sentimento de ter sido roubado dessas partes boas e de ser controlado por outros objetos” (Ibid., p. 42). Efeitos colaterais disto são o ressentimento e a inveja das pessoas “que são sentidas como contendo a “bondade” perdida” (Klein, 1991 [1955], p. 201, nota 26).

De forma análoga, a projeção maciça de agressividade produz uma sensação de fraqueza, de um eu esvaziado e indefeso diante de suas próprias partes más projetadas:

A excessiva excisão e a excessiva expulsão de partes suas para o mundo externo debilitam consideravelmente o [eu]. Isso porque o componente agressivo dos sentimentos e da personalidade está intimamente ligado na mente com poder, potência, força, conhecimento e muitas outras qualidades desejadas (Id., 1991 [1946], p. 27).

A fantasia que orbita a identificação projetiva é a de invasão e controle do objeto por partes de si. A ameaça de reciprocidade, que aparece na forma como é sentida a reintrojeção destes objetos, configura-se então “como uma irrupção violenta do exterior no interior” (Ibid., p. 30), e expressa-se no “medo de que não apenas o corpo, mas também a mente, seja controlado por outras pessoas” (Ibid., p. 30).

Há uma gradação na intensidade e frequência das defesas primitivas, e também nas angústias às quais respondem; “um bebê não passa a maior parte de seu tempo em estado de [angústia]” (Segal, op. cit., p. 46). No entanto, os períodos de angústia e o desenvolvimento das defesas que formam o núcleo da posição esquizo-paranóide “são parte normal do desenvolvimento humano” (Ibid., p. 46). Se a cisão não fosse mobilizada em reação a estas angústias arcaicas, o indivíduo adulto não teria qualquer capacidade discriminatória ou analítica; da mesma forma, a excisão e a angústia persecutória que origina são precondições para que “se seja capaz de reconhecer, apreciar e reagir a situações verdadeiras de

perigo em condições externas” (Ibid., p. 48). A identificação projetiva, por sua vez, é a “forma mais primitiva de empatia” (Ibid., p. 48), e fornece a base da formação de símbolos e, portanto, da sublimação.

O corolário do fato de que essas defesas primárias persistem, evoluindo, durante toda a vida é a persistência também de seus produtos:

Embora na criança mais velha e no adulto essas [angústias] sejam modificadas, tomem outra forma, sejam evitadas por defesas mais fortes – e, portanto, sejam também menos acessíveis à análise do que na criança pequena –, quando nós penetramos em camadas mais profundas do inconsciente descobrimos que figuras perigosas e persecutórias ainda coexistem com figuras idealizadas (Klein, 1991 [1958], p. 276).

Mesmo sob condições favoráveis de desenvolvimento pregresso, o advento de uma pressão interna ou externa extrema pode despertar “as figuras aterrorizantes das camadas profundas do inconsciente” (Ibid., p. 277). Em algumas pessoas – neuróticas ou, mais ainda, psicóticas – “a luta contra tais perigos, que ameaçam a partir das camadas profundas do inconsciente, é, até certo ponto, constante e faz parte de sua instabilidade ou de sua doença” (Ibid., p. 277). Nestas situações de pressão e nestes casos patológicos, a regressão aos mais primitivos mecanismos de defesa se expressa através de, entre outras coisas, prejuízos à objetividade dos juízos (Segal, op. cit., p. 47) e aumento da intensidade do ódio dirigido contra outras pessoas (Klein, 1991 [1946], p. 27).

5.3

Inveja

Na teorização kleiniana a inveja, que em Freud aparece principalmente no contexto fálico como inveja do pênis e relaciona-se a uma posição feminina, será também retrçada a um contexto primitivo: operante desde o nascimento, configura-se primeiramente como inveja do seio. Se, como vimos, a fantasia é um índice da ação das pulsões, a inveja é um índice da frustração decorrente de sua insaciabilidade.

A inveja precede o ciúme e as dinâmicas triangulares: “é uma relação de duas partes (...) experimentada essencialmente em termos de objetos parciais”

(Segal, 1975, p. 52). Surgida da admiração primitiva pelo objeto bom, é uma reação à sua intermitência:

A inveja surge logo que o bebê se dá conta do seio como fonte de vida e de experiência boa: a gratificação real que ele experimenta no seio, reforçada pela idealização – tão poderosa na tenra infância –, faz com que sinta que o seio é a fonte de todos os confortos, físicos e mentais, reservatório inesgotável de alimento e calor, amor, compreensão e sabedoria. A bem-aventurada experiência de satisfação que esse maravilhoso objeto pode dar, aumentará seu amor e seu desejo de possuí-lo, preservá-lo e protegê-lo; a mesma experiência, porém, também desperta no bebê o desejo de ele próprio ser a fonte de tal perfeição (Ibid., p. 52).

Quando isto é sentido como impossível, a penosa constatação desta distância entre o eu e o objeto bom produz “ressentimentos inevitáveis” (Klein, 1991 [1957], p. 211) e suscita uma exteriorização da pulsão de morte em direção a este objeto, visando “danificar a bondade do objeto, para remover a fonte de sentimentos invejosos” (Segal, loc. cit.).

A inveja interfere, portanto, no mecanismo de cisão, tornando o objeto bom um perseguidor “mesquinho e malevolente” (Klein, op. cit., p. 215): o bebê “sente que a gratificação de que foi privado foi guardada, para uso próprio, pelo seio que o frustrou” (Ibid., p. 212).

No entanto, longe de facilitar a integração ou a desparcialização dos objetos, o que depende do declínio das projeções, a inveja torna o objeto ambíguo, um aglomerado de projeções do que é bom e do que é mau. Forma-se um círculo vicioso, não só porque torna-se inviável a introjeção e assimilação de um objeto puramente bom – o que diminuiria a distância entre o eu e este objeto, diminuindo assim a inveja – mas também porque uma das defesas contra a confusão objetal instaurada pela inveja é a intensificação da cisão, que diante da resistência de uma inveja excessiva só consegue passar a produzir objetos extremamente idealizados e objetos extremamente maus, que não obstante continuam mesclados num único veículo de projeções, um objeto composto cada vez mais ambíguo.

As outras estratégias para lidar com a inveja, listadas por Klein, atestam o quanto ela influencia o desenvolvimento, normal ou patológico. O impasse que instaura provoca, por exemplo, a voracidade, que visa contrabalançar a inveja, essencialmente projetiva, com introjeções destrutivas; a “*desvalorização do self*” (Ibid., p. 250), típica na posição depressiva, que prenuncia as formas de

masoquismo moral; e o “*fugir da mãe para outras pessoas*” (Ibid., p. 249), que inaugura as relações triangulares.

Um destes métodos, ligado à negação, é a desvalorização do objeto: “o objeto que foi desvalorizado não precisa mais ser invejado” (Ibid., p. 249). Esta defesa trabalha pela negação da idealização, produzindo ingratidão e desprezo. O próprio ataque ao objeto inicialmente bom já é uma estratégia mais ativa, quase aloplástica, deste tipo, pois “um objeto danificado não suscita inveja” (Segal, 1975, p. 57).

Outro método importante é a excisão da própria inveja, sua projeção no objeto, o que reverte a situação na fantasia ao custo da intensificação do sentimento de perseguição, reforçando especificamente o sentimento de estar sendo roubado, de outro modo típico, como vimos, de determinada modalidade de identificação projetiva. Esta defesa contribui para a fantasmagoria de um mundo externo hostil e, internamente, para o estabelecimento de um supereu invejoso, “sentido como perturbando e aniquilando todas as tentativas de reparar e de criar” (Klein, op. cit., p. 263).

Assim como a posição esquizo-paranóide como um todo, a inveja é inevitável. De fato, permanece um estigma das relações objetais, em graus variados de intensidade, durante toda a vida. A inveja é consequência de uma insatisfação que é constitutiva, da impossibilidade de plenitude. Decorre do anseio de eliminação da tensão que a pulsionalidade instaura, indissociável da vida mesma. O seio, portanto, é veículo de uma frustração mais fundamental, que o ultrapassa enquanto objeto físico nutridor:

Não presumiria que, para ele [o bebê], o seio seja simplesmente um objeto físico. A totalidade de seus desejos instintivos e de suas fantasias inconscientes imbui o seio de qualidades que vão muito além da nutrição real que ele propicia. Vemos na análise de nossos pacientes que o seio em seu aspecto bom é o protótipo da “bondade” materna, de paciência e generosidade inexauríveis (Ibid., p. 211).

A autora acrescenta, em uma nota, que a bondade do objeto, na verdade, é sentida pelo bebê “de um modo muito mais primitivo do que o que a linguagem pode expressar” (Ibid., p. 211, nota 3). As frustrações que se seguem a tal idealização impelem o deslocamento da inveja para outros representantes do que tentamos nomear como plenitude, sendo o falo o mais notável deles por instaurar

a situação edipiana clássica: “a inveja do seio da mãe é deslocada para o pênis do pai” (Segal, 1975, p. 64), onde o que é admirado e invejado toma a forma de força, poder ou potência.

Numa tenra idade, a criança pequena – particularmente o menino – admira não somente a bondade mas também o poder e a crueldade, e atribui essas qualidades ao pai potente, com quem se identifica mas que ao mesmo tempo teme (Klein, 1991 [1963], p. 322).

O Complexo de Édipo é um esforço de distribuição dos sentimentos hostis e uma tentativa de arranjo egossintônico da inveja originalmente destinada ao objeto primário, agora deslocada para um objeto que se constitui doravante como o rival, e cujos veículos típicos são o pai e os irmãos. É na relação com o rival, então, que as marcas de uma inveja excessiva atualizam-se. Transparecem, por exemplo, nos “desejos de castrar” (Id., 1991 [1957], p. 230), ou no quanto o objeto de desejo perde seu valor intrínseco e passa a ser desejável simplesmente por ser uma posse do rival.

5.4

A posição depressiva e as defesas maníacas

Muitos dos mecanismos que vimos analisando são arrefecidos e modificados pelo processo de integração objetal que, por volta dos seis meses de vida, instaura uma outra posição, a depressiva. Este processo de desparcialização das relações produz objetos totais, diferentes dos objetos compostos resultantes da inveja excessiva e das defesas contra ela.

Quando o bebê reconhece sua mãe, isso significa que agora ele a percebe como um objeto total. (...) o bebê se relaciona cada vez mais não apenas com o seio, mãos, face, olhos da mãe, como objetos separados, mas com ela própria como uma pessoa total, que às vezes pode ser boa, às vezes má, presente ou ausente, e que pode ser tanto amada como odiada. Ele começa a ver que suas experiências boas e más não procedem de um seio ou mãe bons ou maus, mas da mesma mãe que é igualmente fonte do que é bom e do que é mau (Segal, 1975, p. 81).

Esta integração – promovida pela pulsão de vida e cuja força, para Klein, depende, em última instância, de variáveis constitucionais – tem algumas consequências importantes.

As pulsões são agora dirigidas não só ao mesmo objeto, mas a um objeto desparcializado, complexo e razoavelmente constante, cuja natureza flutua menos ao sabor dos investimentos. Há um estreitamento da relação do eu com a realidade, o que inibe as projeções e consequentes deformações de percepção.

O declínio da projeção da pulsão de morte, por sua vez, diminui “o poder atribuído ao objeto mau” (Ibid., p. 80) e aumenta consequentemente a força do eu, “menos empobrecido pela projeção” (Ibid., p. 80). Esta força promove um aumento de “tolerância do bebê em relação [à pulsão] de morte dentro de si mesmo” (Ibid., p. 80) e diminui as angústias paranóides, o que é reforçado pelo estabelecimento do objeto bom dentro do eu que vinha se consolidando durante a posição esquizo-paranóide por meio de introjeções.

A angústia de aniquilação diminui, mas é substituída por um tipo de desespero até então pouco vivenciado: “a culpa, uma experiência depressiva característica que surge do sentimento de ter perdido o objeto bom através da própria destrutividade” (Ibid., p. 83). A culpa surge, por um lado, do declínio da projeção – ou seja, do reconhecimento de sua própria agressividade por parte do bebê – e, por outro lado, da desparcialização do objeto – ou seja, do reconhecimento de que o alvo da agressão é também amado e bom.

Escreve Klein: “considero a essência da culpa o sentimento de que o dano feito ao objeto amado é causado pelos impulsos agressivos do próprio indivíduo” (Klein, 1991 [1948], p. 57). É neste contexto que se pode propriamente falar em ambivalência, no que ela difere da ambigüidade paranóide suscitada por um objeto compósito. A ambivalência, “afinal, diz respeito às relações de objeto, isto é, a objetos totais e reais” (Id., 1996 [1935], p. 328). Sendo “em parte uma garantia contra o ódio da própria criança” (Ibid., p. 328), a ambivalência traduz um conflito que só se estabelece diante de um objeto total, que precise ser protegido do ódio.

Por fim, a integração modifica também o caráter do supereu, cujas raízes até então consistiam em um aglomerado de introjeções de objetos persecutórios ou idealizados, sendo estes últimos muitas vezes também persecutórios, “por causa das altas exigências de perfeição” (Segal, 1975, p. 87) que deles emanam como efeito da inveja. A fusão pulsional possibilitada pela desparcialização age sobre o

supereu da mesma forma que age sobre os objetos externos, e o resultado é que o supereu “perde alguns de seus aspectos monstruosos” (Ibid., p. 87).

Dificuldades constitucionais ou ambientais no estabelecimento da posição depressiva podem promover uma regressão à posição esquizo-paranóide e suas angústias e defesas típicas. Neste caso, o eu

é espreitado por constante [angústia] de perda total das situações internas boas, é empobrecido e enfraquecido, sua relação com a realidade pode ser tênue, e há um terror perpétuo e algumas vezes uma verdadeira ameaça de regressão à psicose (Ibid., p. 93)

Dificuldades na elaboração da posição depressiva promovem ainda a organização de defesas maníacas, que são particularmente relevantes a nossa investigação por reutilizarem mecanismos tipicamente esquizo-paranóides para lidar com as novas angústias oriundas da ambivalência e da culpa: em especial a cisão e a identificação projetiva, fundamentos da gênese dos objetos maus e dos objetos ambíguos.

Controle, triunfo e desprezo formam a tríade de sentimentos característicos de uma relação maníaca com os objetos. O controle é uma maneira de inverter a ameaçadora dependência em relação ao objeto: “um objeto que é totalmente controlado, é, até certo ponto, um objeto com o qual se pode contar” (Ibid., p. 96). O controle nega a dependência ao mesmo tempo em que satisfaz a necessidade de um objeto sempre presente. A hiperatividade nos estados maníacos é expressão deste esforço de controle e domínio de todos os seus objetos (Klein, 1996 [1935], p. 319), uma espécie de esforço em ser onipresente.

O triunfo é expressão de onipotência e inveja. Derrotar o objeto mau, aspecto do objeto primário novamente cindido, satisfaz a necessidade de atacá-lo sem despertar angústias depressivas, além de negar concretamente a potência que lhe era atribuída, destinando-a, aliás, ao eu. Num complexo esforço de evitar angústias paranóides, o triunfo congrega a gratificação sádica e o domínio do objeto: o desejo não é mais simplesmente de destruir o objeto mau, mas “de dominá-lo e humilhá-lo, de sobrepujá-lo” (Id., 1996 [1940], p. 394).

O desprezo, enfim, é a negação da estima, também uma defesa contra a perda e a culpa que depende da re-intensificação da cisão: “o objeto de desprezo

não é objeto digno de culpa, e o desprezo experimentado em relação a este objeto se torna uma justificação para outros ataques contra ele” (Segal, 1975, p. 97).

Assim como o funcionamento esquizo-paranóide, a mania instaura um círculo vicioso. As negações e inversões que promove estão em função da “constante necessidade de renovar o ataque ao objeto original” (Ibid., p. 103). Estes ataques aos substitutos do objeto primário, mais ou menos reparcializados, só aumentam a culpa potencial, pois permanece o fato de que os objetos amados, “nas profundezas da mente são os mesmos sobre os quais o indivíduo triunfa” (Klein, op. cit., p. 395), do que depende, aliás, a eficácia do triunfo como defesa contra a angústia. Esta culpa suprimida, para continuar sendo evitada, exigirá a intensificação das defesas maníacas: “um controle mais violento dos objetos” (Ibid., p. 395) e a incessante repetição do triunfo sobre os substitutos do objeto primário novamente cindido. Mas evitar a culpa e o luto é evitar também a possibilidade de que entre em ação algum tipo de moção reparatória, que poderia lentamente instaurar uma diferença na direção do desenvolvimento.